

INGLÊS NA SALA DE AULA DO INES

Professora Katia Cristina Vanffossen¹
katiavanf@yahoo.com.br

Em 2001 tive a oportunidade de começar a trabalhar numa escola de surdos, o Centro Educacional Pilar Velazquez, que usa o bilingüismo como método de ensino. Até aquele momento, eu não conhecia a Língua de Sinais, só tinha uma vontade muito grande, há tempos, de conhecer mais uma língua além do inglês, espanhol e português. Além de aprender com os alunos, fazia curso no INES e tentava me aprofundar um pouco mais a cada dia, freqüentando reuniões, palestras, festas e todo evento social que tivesse oportunidade de estar com surdos. Adaptei os materiais que dispunha, sempre me preocupando com a leitura e a escrita. Em 2002 trabalhei como professora de português e inglês na APADA e em seguida ingressei na Universidade Estácio de Sá, também ministrando aulas de apoio para alunos surdos de diversas áreas.

No início deste ano letivo, comecei a trabalhar também no INES, já dominando melhor a LIBRAS. Minha comunicação com os surdos sempre foi calcada em muito respeito, e isto facilitou muito a troca de informações e perceber qual seria meu público alvo e qual melhor método poderia ser trabalhado.

Este trabalho tem como objetivo mostrar o trabalho com a Língua Inglesa na sala de aula com indivíduos surdos no INES.

Com o crescente aumento da necessidade de comunicação em nossa sociedade, entre indivíduos que não compartilham a mesma língua, deparamo-nos cada vez mais com as exigências da racionalidade e da produtividade, distanciando-nos da criatividade e da auto-expressão.

Para alguns ouvintes, é difícil estabelecer e ordenar os elementos de coesão, devido a vícios de linguagem, fatores sociais etc. Para uma pessoa que não ouve e muitas vezes obtém, através da leitura, a forma correta de escrever, há uma necessidade de decorar a ordem correta das palavras, para chegar ao processo da formação de frases, seus conectivos e desinências verbais. Nestes casos a língua inglesa tem suas vantagens por ter um número reduzido de desinências e conectores, assim como sua forma frasal assemelha-se à LIBRAS.

Partindo da premissa que é nossa função, enquanto profissionais da educação, garantir que o aprendizado não seja uma experiência decepcionante, urge termos em mente, como fazemos os surdos escreverem bem a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa.

¹Graduação em Português e Inglês na Universidade Estácio de Sá. Especialização em Língua Portuguesa e Lingüística na Universidade Estácio de Sá, Professora/Intérprete.

Dando continuidade ao trabalho excelente da professora Vera Alves, dentro da instituição, minhas aulas são sempre voltadas para o inglês instrumental, focado na leitura e na escrita. Não exijo a fonética como matéria obrigatória, mas este tópico é abordado no Ensino Médio, pois assim o surdo terá oportunidade de saber que o som da Língua Portuguesa é diferente foneticamente da Língua Inglesa e, assim, como as Línguas não são universais, seus fonemas também não são.

Baseada em fontes lingüísticas, gramaticais e em experiências pessoais, para demonstrar a tendência de utilização da língua de sinais para transpor no papel uma frase, um método de ensino que realça o poder do inglês como fator extralingüístico interdisciplinar² de competência pragmática para o desenvolvimento de conhecimento. Partindo da premissa que nos dias atuais, utilizamos e vemos a língua inglesa em vários contextos e em várias ocasiões, como *shopping*, lanchonetes, jornais, revistas e livros, sua utilização e seu ensino em sala de aula passaram a ser primordiais.

Conhecendo melhor a natureza do aprendizado nos seres humanos, a prescrição de métodos de ensino fica facilitada. É necessário levar em consideração que uma criança, geralmente, começa a aprender a segunda língua após ter sido alfabetizada na sua língua materna. Os choques gerados por um possível conflito entre as duas línguas devem ser observados com atenção pelo professor.

No mundo globalizado, é de suma importância encorajar, por vários motivos, o conhecimento não de uma, mas de várias línguas além da língua materna. Levando-se em consideração que cada indivíduo tem uma aptidão própria, aprender uma segunda língua, para muitos, pode ser uma tarefa árdua. Vários fatores são necessários para provocar o estímulo de aprendizado.

Conhecer e usar outra língua como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais é necessário na conjuntura atual. O conhecimento de uma ou de várias línguas, aguça a curiosidade e qualifica os alunos para a compreensão e a visão do mundo, abrindo acesso a informações de outras comunidades e propiciando sua integração num mundo globalizado.

CONCLUSÃO

A língua pode evoluir no seres humanos mesmo existindo um grave defeito cognitivo ou físico. Por este motivo os surdos são capazes de desenvolver sua própria língua, tornando-os políglotas. O ser humano possui geneticamente o sistema lingüístico capaz de diferenciá-los dos outros animais, pois boa parte do cérebro se destina à língua e funções a ela relacionadas.

²O estudo das outras disciplinas, notadamente de história, geografia, ciências naturais, arte, passa a ter outro significado se em certos momentos fossem proporcionadas atividades conjugadas com o ensino de segunda língua.

Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem assim como todos nós. Precisam apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial lingüístico e, conseqüentemente, os outros e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio e uma ferramenta, que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo de aprendizagem de uma ou várias outras línguas, proporcionando sempre um ambiente bilíngüe.

Pesquisas lingüísticas sobre a estrutura e o funcionamento das línguas de sinais contribuem não só para lançar luz à compreensão do caráter eminente humano da faculdade da linguagem como também para a formação de uma nova concepção sobre a surdez e o surdo.

No momento que estamos ensinando a Língua Inglesa e outras matérias, também trabalha-se a Língua de Sinais, mostra-se a configuração da mão corretamente e a expressão, utilizando basicamente a LIBRAS para mostrar a linguagem dentro da sala de aula.

Não há efetivamente uma gramática escrita, para língua de sinais, portanto, é na conversa e na interação, na troca de informações que os surdos aprendem o vocabulário.

Com os ouvintes a repetição das palavras ajuda a criança a memorizar, assim também é com os surdos que apesar de não ouvirem, visualizam repetitivamente a configuração das mãos e os pontos de articulação, principalmente os parâmetros da Língua de Sinais.

Para trabalhar a escrita do surdo, os professores precisam sempre contextualizar trabalhando sempre a sua percepção visual. Fazendo jogos e brincadeiras que incentivem os alunos a aprenderem cada vez mais, estimulando-os a aumentar a percepção como ser humano e como cidadão. Promovendo uma apreciação dos costumes e valores de culturas estrangeiras, contribui assim para desenvolver a percepção da própria cultura.

A aprendizagem de Línguas Estrangeiras é também um exercício para aprender um código diferente e amplia as possibilidades do indivíduo surdo ou ouvinte de agir e interagir no mundo.

“We need the kind of education that is able to sustain the ‘whole person’-spirit, heart, head, and hands.” Stephen Sterling.

“Nós precisamos de um tipo de educação que seja hábil para sustentar a pessoa como um todo - espírito, coração, cabeça e mãos.” Stephen Sterling.